

O 25 de ABRIL contado e recontado

Aqui pode encontrar

- Entrevistas aos escritores João Pedro Mésseder e Manuel António Pina, José Jorge letria
- Inquérito aos ilustradores Alex Gozblau, André Letria, António Modesto, João Caetano, José Manuel Saraiva, Susana Oliveira
- Texto de abertura de *Abril, Abrilzinho*
- Sugestões de leitura
- Bibliografia variada
- Links para saber mais
- 2 ensaios de Ana Margarida Ramos:
 - Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história
 - A literatura para a infância e a construção da memória: uma leitura de *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, de João Pedro Mésseder

No que respeita à História recente de Portugal, nenhum outro momento tem despertado a atenção de autores de textos preferencialmente destinados à infância e juventude (e também de editores) como o 25 de Abril de 1974. Contam-se, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, várias edições (em número significativo de cariz comemorativo) claramente conotadas com a explicação, histórico-factual ou metafórica, do 25 de Abril, onde podemos incluir textos de José Jorge Letria, António Torrado, Valdemar Cruz, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, entre outros. João Pedro Mésseder acrescentou este ano o seu nome a esta lista, em distinta perspectiva que agora se aborda em entrevista e análise mais aprofundada. Especial atenção se dá, através de um inquérito a alguns dos ilustradores que trataram este tema, à criação e recriação de iconografia em torno desta Revolução.

Entrevistas

João Pedro Mésseder

«Existe um potencial romanesco na própria realidade que eu quis explorar.»

Atendendo ao facto de existir já um número considerável de edições directa ou indirectamente relacionadas com o 25 de Abril, o que é que lhe parece que ainda faltava contar aos pequenos leitores contemporâneos?

Existe, de facto, um número razoável de livros infantis sobre o tema, dos quais destacaria por exemplo o belíssimo *O Tesouro*, de Manuel António Pina. Mas poderíamos falar de outros. (Durante muito tempo o tema não foi tratado, ou só o foi timidamente, nos livros infantis. Parecia haver algum receio. Era uma lacuna grave.)

A estratégia utilizada em alguns desses livros parece-me, no entanto, essencialmente metafórica ou fabular (e nada tenho contra ela, obviamente). Esses livros (como todos os livros, aliás, toda a literatura, sem excepção, e toda a crítica literária, diga-se de passagem) exprimem naturalmente uma visão do mundo e possuem uma dimensão ideológica, mais ou menos consciente, mais ou menos explícita.

Isso acontece também com o *Romance do 25 de Abril, em prosa rimada e versificada*, cuja visão se distingue, penso eu, da de outras obras. Essa é uma das diferenças, mas é relevante. Materializa-se em determinadas personagens, nas suas acções, palavras e não só. Era isso, entre outras coisas, que faltava contar. E que importa não rasurar da memória, neste perigoso tempo em que vivemos. A literatura também é isto: o testemunho de um tempo.

Por outro lado, há nomes – nomes de responsáveis – que não podem ser ignorados nem branqueados. E às vezes acabam por sê-lo através de uma determinada elaboração mais ou menos metafórica. A meu ver, outra diferença, no caso do meu livro, é a opção por uma certa dimensão alegórica do herói – um herói que começa por ser criança e depois cresce. E é também a possibilidade de ele representar um colectivo.

Mas as próprias opções formais se revelam indissociáveis de um determinado olhar sobre as coisas.

A que se deve a preferência por uma abordagem da Revolução de Abril mais referencial, em detrimento da opção pela recriação metafórica?

Eu gostaria de matizar a questão da «abordagem mais referencial». Tentarei explicar. É que o testemunho sobre o que realmente foi o fascismo, o antes do 25 de Abril, tem por vezes, aos ouvidos dos mais jovens, dos que não viveram esse tenebroso período histórico, contornos em que é difícil acreditar. Como se alguma coisa de conto de fadas parecesse existir nesse relato. Estou, evidentemente, a pensar no lado mais negro dos contos de fadas. *A Revolução do 25 de Abril* é, por assim dizer, o desfecho feliz do conto (apesar de o percurso probatório ter durado quase cinco décadas) e o princípio de outra história ainda por contar. Ou seja, existe um potencial romanesco na própria realidade que eu quis explorar. Paradoxalmente, a História remete, neste caso, para o domínio do quase

inacreditável, contém em si elementos que diríamos no limiar do sobrenatural, embora tenham sido tudo menos isso. Repare-se que esta história (ou deverei escrever História?) tem os seus ogres (que parecem gostar de torturar e aniquilar carne humana...), agressores que espreitam e agem ao serviço do ditador e de um sistema, auxiliares do herói com objectos não mágicos mas que desempenham idêntica função (o homem da bicicleta, as suas palavras e papéis), além de que o próprio herói empreende um percurso probatório, como os dos contos de fadas.

Por outro lado, julgo que importa dar uma imagem do 25 de Abril iluminada, envolta num certo halo mítico, pelas palavras dos poetas que aqui são explicitamente convocados: Sophia, Manuel Gusmão, Ary dos Santos (na epígrafe), os versos desesperados de Sena, ainda na parte referente ao fascismo. Também houve, por esta via e por outras, a intenção de activar a memória literária, de inserir este texto numa rede intertextual.

Parece-lhe aceitável considerar que a sua publicação *Romance do 25 de Abril* se aproxima da literatura de intervenção? Ou considera que a intenção comemorativa se sobrepõe?

Eu tenho uma visão porventura muito pessoal desta questão. E nunca me agradou muito a expressão nem o conceito «literatura de intervenção». Nos dias que correm, é sempre uma classificação assumida por alguma crítica não inocente para desvalorizar, ou até denegrir e tentar datar um determinado objecto literário. Como se a literatura com essa «mácula» implicasse uma denegação da chamada autonomia do estético. Se fôssemos por aí, estaríamos no limite a condenar ao inferno Gil Vicente, o Camões de *Os Lusíadas*, Shakespeare (e todas as suas peças sobre a questão do poder), Dickens, Zola, Brecht, o futurismo russo (e por que não o italiano?), Neruda (que não poucos tentam inumar), Heiner Müller e muitos outros. Para mim, todos fizeram «literatura de intervenção». Como as *Viagens* de Garrett ou *Os Maias* de Eça são igualmente obras literárias de intervenção. Mas ninguém as rotulará como tal. Em geral são assim rotuladas as que, de um modo ou de outro, têm alguma relação com o marxismo (por exemplo, o neo-realismo). Do ponto de vista ideológico, isto é tudo menos inocente.

Já recordei que todo o texto de intenção literária é inevitavelmente atravessado pela ideologia. Mas permito-me acrescentar que escrever sobre o 25 de Abril, e fazê-lo pensando nos mais jovens – independentemente da dimensão comemorativa que me parece neste caso secundária – só pode ser um acto simultaneamente estético e ético, assumido num país que sofre de uma estranha doença: a de não preservar a memória das coisas e dos acontecimentos históricos a que se junta um notório défice na educação cívica. O resultado está cada vez mais à vista.

A designação de “romance” é muito interessante. Quer explicar a que se deve a escolha?

A designação «romance» faz deste título um título remático, ou seja, que aponta para um género ou uma forma literária. Sabemos que, no romanceiro, existe uma tradição popular oral e uma tradição escrita a que alguns chamarão «cultura». A tradição oral é muito rica e tem composições marcantes. Algumas inscreveram-se no nosso imaginário colectivo, como «A Nau Catrineta», que, a dado momento, neste livro, é explicitamente citada (Sophia dizia ter sido o primeiro poema que escutou na infância, na voz de uma empregada). Enquanto género, o «romance tradicional» de que estamos a falar é um texto em verso, em que muitas vezes é utilizado o heptassílabo (a métrica, por excelência, embora não

a única, do cancioneiro popular português, um metro facilmente memorizável). E é uma composição que se inscreve na linha épica da poesia, quer pela sua estrutura narrativa, quer pelo modo heróico presente em vários textos do romanceiro.

De algum modo, pretendi ligar o texto que escrevi a toda esta tradição popular, porque certos elementos são comuns ao romance tradicional em verso, e porque os atributos sociais do herói o vinculam às classes não hegemónicas, às chamadas classes populares, que aqui surgem «levantadas do chão», para citar o título de Saramago.

Do poema, o *Romance do 25 de Abril* quase só conserva a forma preferencial (o verso), por isso acrescentei o subtítulo «em prosa rimada e versificada» – também uma homenagem subliminar a Aquilino Ribeiro, que subintitulara o seu belo Livro de Marianinha «lengalengas e toadilhas em prosa rimada».

É claro que, no termo romance, existe ainda uma dimensão polissémica, mas penso que é demasiado óbvia para a desenvolver aqui.

Em seu entender, o que acrescentam as ilustrações de Gozblau ao texto? Tornam-no diferente?

As ilustrações de Alex Gozblau não sei se tornam este texto diferente do que ele é enquanto texto, do que ele seria caso não fosse ilustrado. Creio que sim, apesar de tudo, porque a ilustração tem sempre esse efeito enriquecedor e esta imprime uma certa densidade psicológica à narrativa. O que as ilustrações tornam, isso sim, é este livro diferente de outros livros sobre a mesma temática. Poderia discorrer muito sobre estas imagens que acho de extrema qualidade, desde logo o retrato do protagonista, particularmente expressivo e conseguido. Mas também o de outras personagens (vejam-se os olhos «antes» e «depois» do 25 de Abril e o significado dessa evolução). O modo como a pintura e a colagem (com certos elementos que vêm do grafitti) se conjugam (sem que a colagem abafe o primado do desenho e da pintura) permite fundir o lado ficcional com o lado documental, enraizando o primeiro na História. Um certo toque expressionista na primeira parte cria, por outro lado, um contraste com a paleta mais clara da segunda e isso produz um efeito semântico e expressivo que me parece particularmente feliz.

Há, por outro lado, rostos e cenas reconhecíveis, imagens com as quais se habituou a conviver quem conhece a História da resistência antifascista e a sua iconografia.

Que memórias guarda como as mais importantes da sua experiência pessoal da Revolução de Abril?

É sempre difícil dizê-lo, porque se corre o risco de banalizar, através de um discurso débil, uma experiência que foi, de facto, singular para muita gente que a viveu. A melhor forma que arranjei de exprimir essa vivência foi escrever um par de poemas sobre o assunto. Por isso, deixo só dois apontamentos.

Quando se deu o 25 de Abril, eu entrara há pouco tempo para a universidade e militava numa organização política que tinha sobretudo uma vertente de intervenção estudantil. A espada de Dâmocles da Guerra Colonial não era apenas uma sombra, pois já caíra efectivamente sobre muitos e muitos estudantes que haviam enfrentado o fascismo e tinham sido incorporados compulsivamente no exército e partido para as colónias. Eu fora, com outros, candidato numa lista à direcção da associação de estudantes (ilegal) da Faculdade de Letras do Porto. Tínhamos sentido o efeito da repressão, aí e também nas ruas. O ambiente era claustrofóbico. As reuniões que fazíamos exigiam sempre muitas precauções. A privação das liberdades, a censura, a pobreza, a repressão policial,

as prisões e assassinatos de destacados militantes antifascistas e as incorporações no exército colonialista eram por de mais conhecidos nos círculos que então frequentava. Uma consciência que começara a adquirir ainda no liceu, por volta dos catorze anos. Por isso, o 25 de Abril foi, em primeiro lugar, uma inacreditável e duradoura explosão de liberdade. Começou, então, um processo de mudanças revolucionárias. E uma das memórias mais marcantes desses dias prende-se com esta imagem imperecível: a de os deserdados tomarem a palavra, assumirem uma voz, desenharem um rumo. Por outro lado, era como se a minha própria juventude se confundisse com a adolescência de um país que, de repente, renascera e começara a crescer. A adolescência, como se sabe, cultiva a festa. E esta tinha a cor viva dos cravos que, em 25 de Abril, inundaram ruas, praças, avenidas. Mais tarde, percebi que a Revolução como que instaurara nesses dias um estado poético e um novo regime temporal, um outro modo de viver o tempo, que até então eu desconhecia, e que duraria quase dois anos. Leia-se o que sobre isto escreveu Walter Benjamin. Eu não digo mais.

José Jorge Letria

«Foi acima de tudo cor e movimento, imagem e emoção.»

Que memórias guarda como as mais importantes da sua experiência pessoal da Revolução de Abril?

Tive a felicidade de poder viver o 25 de Abril por dentro, pois, sendo jornalista do “República”, fiz parte de um restrito grupo de civis, coordenado por Álvaro Guerra, que estava ao corrente da preparação do levantamento militar, em contacto com os seus organizadores e disponível para ajudar os Capitães de Abril no que fosse necessário. Portanto, vivi a emoção da expectativa prolongada e depois a inapagável comoção de ver cumprido o sonho de várias gerações que nunca desistiram de lutar pela democracia e pela liberdade em Portugal. E valeu a pena. Nessa madrugada estive nas ruas Lisboa, tenso e inquieto, guardando bem guardado o meu segredo, à espera de ver sair as unidades que integravam o plano de operações militar, e até ter visto sair o BC5, na Marquês de Fronteira, a sair, perto das três da manhã, para tomar o Rádio Clube Português e o Quartel General de Lisboa, cheguei a admitir que a operação falhara. Felizmente enganei-me, como se sabe.

Que motivações explicam a sua publicação sobre o 25 de Abril? O que é que ainda não foi contado aos pequenos leitores sobre este momento da História portuguesa?

Há sempre coisas que ficam por contar, sobretudo porque o espaço para esta memória específica é restrito e pouco estimulado por quem devia estimulá-lo. Já publiquei vários livros sobre o tema e tenciono publicar ainda mais alguns, pois é um prazer que tenho como escritor e um dever que tenho como cidadão, para que essa memória intensa e transformadora possa ser partilhada, também, com a geração dos meus netos.

Em seu entender, qual foi o contributo da ilustração na publicação sobre o 25 de Abril?

Foi e é um contributo fundamental, pois o 25 de Abril foi acima de tudo cor e movimento, imagem e emoção, num país que até aí fora teimosamente cinzento. Por isso a ilustração foi e é, nestes livros como em muitos outros, o suplemento de vida que anima o texto e lhe abre janelas mais amplas para comunicar com o leitor e com o mundo.

Manuel António Pina

«Não sermos livres é absurdo.»

Que memórias guarda como as mais importantes da sua experiência pessoal da Revolução de Abril?

A rua, principalmente a rua. Os milhares e milhares de pessoas que, logo de manhã e, depois, pela tarde dentro, saíram espontaneamente para as ruas e praças. Sem convocatória, sem bandeiras, sem palavras de ordem, sem dísticos: apenas a voz. Aqueles gritos de “Liberdade! Liberdade!”, aquela alegria deslumbrada, de quem não acredita e esfrega os olhos com receio de estar a sonhar. Não havia ainda partidos a dividir-nos, não havia desconfiança, não havia suspeita. Nunca, como nesse dia e nos dias imediatamente a seguir, estivemos tão próximos uns dos outros. A minha cabeça e o meu coração estão, naturalmente, cheios de memórias desses desmesurados tempos. Mas a mais forte é decerto a desse dia inicial e, depois, a do primeiro 1º de Maio em liberdade, com a minha filha de 3 anos às cavallitas nos meus ombros, surpresa de tanta súbita felicidade à sua volta, levantando também ela o pequenino punho fechado no ar e gritando: “O povo unido jamais será vencido!”

Que motivações explicam a sua publicação sobre o 25 de Abril? O que é que ainda não foi contado aos pequenos leitores sobre este momento da História portuguesa?

O livro resultou de um convite da “April” e da Associação 25 de Abril, na sequência de uma sugestão feita pelo então presidente da República, Mário Soares. O convite foi-me feito numa sexta-feira à noite e o texto deveria estar pronto até domingo, pois na segunda-feira haveria uma reunião da comissão organizadora das comemorações dos 20 anos do 25 de Abril com o presidente da República, onde iria ser apresentado o projecto do livro. Escrevi-o nessa mesma noite, de um fôlego. No dia seguinte, a Manuela Bacelar ilustrou-o, também à pressa (acho que terá sido por isso que não quis assinar o trabalho).

Quanto ao que ainda não foi contado aos pequenos leitores: penso que o essencial está contado (se alcança ou não esses leitores é outra coisa, e não depende já de nós, os que o contamos, ou tentámos contar). É natural que a exaltante experiência da liberdade que nós, os mais velhos, vivemos no 25 de Abril pouco diga hoje a jovens nascidos e criados em liberdade, para quem a falta de liberdade é algo incompreensível e absurdo. Foi o que também tentei dizer no livrinho, que não sermos livres é absurdo. Mas igualmente que a nossa liberdade (a individual como a colectiva) é um tesouro precioso que temos que proteger, e que opressão não é apenas um conto de meter medo, que muitos homens e mulheres (e crianças) continuam a viver oprimidos, às vezes bem perto de nós, e que isso inaceitável.

Em seu entender, qual foi o contributo da ilustração na publicação sobre o 25 de Abril?

Eu acho que, se é provavelmente verdade que uma imagem vale por mil palavras, não é menos certo que uma palavra vale por mil imagens. Depende da palavra e da imagem. Não conheço suficientemente a ilustração feita a propósito do 25 de Abril (julgo que estará a referir-se aos livros que tentam “contar” o 25 de Abril aos, como diz, “pequenos leitores”), para ter uma ideia se, no caso, essas imagens são das que valem mil palavras ou não. Espero que sejam. E também que as palavras escritas sobre o 25 de Abril valham mil imagens. Porque é tudo o que nos resta hoje: palavras e imagens.

Inquérito

Que significado tem para si esta data do 25 de Abril de 1974?

ALEX GOZBLAU

Uma revolução assim, implicando mudança radical de regime, fim de uma guerra, fim da censura e com tão grande participação popular, só me evoca coisas boas, esperança sobretudo. Ainda que tenha sido por um breve instante, penso em esperança.

ANDRÉ LETRIA

Não tanto pelo que senti pessoalmente, uma vez que nasci apenas alguns meses antes, mas mais pelo que me foi contado e pelo que fui aprendendo, representa um recomeço, uma nova oportunidade (porventura desperdiçada). A ideia de liberdade é também indissociável da data.

ANTÓNIO MODESTO

O 25 de Abril tem para mim um significado muito marcante, atendendo a que foi uma antecipação do que tentava já, de uma forma ingénua mas empenhada e correndo riscos, conquistar: fundamentalmente a liberdade de expressão e o fim da guerra colonial. Embora jovem de dezassete anos quando

do 25 de Abril, tinha, desde os catorze, uma consciência política muito convicta e que me fez integrar uma organização liceal contra o regime.

JOÃO CAETANO

Uma mudança do ciclo político e social, provavelmente o nascimento a esperança no colapso dos regimes assumidamente totalitários. Ficam por tratar o caso dos não assumidos...

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Suponho que não difere muito da maioria dos portugueses. O fim de um regime político de décadas que para além de limitar as liberdades de expressão, com uma forte Censura não permitindo outros ideais políticos, estagnou o desenvolvimento do país (pelo menos em metade do período em que vigorou).

SUSANA OLIVEIRA

Tem muitos significados e, para mim, haverá sempre o antes e o depois desse dia. Foi o melhor fim possível para um país que, tal como o fora até então, nunca devia ter existido, e o mais original e feliz começo de um país novo.

Que memória tem da data? «Onde estava no 25 de Abril»?

ALEX GOZBLAU

A memória tenho-a do que aprendi depois. Estava demasiado longe do que quer que fosse.

ANDRÉ LETRIA

Nasci em Dezembro de 73. Tenho a memória das fotografias e das histórias.

ANTÓNIO MODESTO

Conservo uma memória muito viva dessa data e dos dias que se seguiram... A memória de um tempo alucinante e de muitos excessos! No dia 25 de Abril, quando soube da notícia, ia a pé a caminho do liceu de Gaia, onde estudava. Em vez de me dirigir para as aulas, às 8H30, rumei à baixa do Porto e só regresssei a casa já de madrugada.

JOÃO CAETANO

Vaga. Em Moçambique, as notícias rolavam molemente, como a agonia do regime. Lembro-me de algum alívio no severo colégio religioso que frequentava.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Estava no berço. Nasci a 19 de Março desse ano. Tenho algumas memórias visuais de bebé a olhar para um conjunto de cores que deslizavam sobre mim ao som tranquilo de uma música enquanto estava deitado. Talvez fosse um prenúncio simbólico de alguma coisa. Vamos fingir que já abria os olhos nesse dia...

SUSANA OLIVEIRA

Tinha seis anos e acordei com os meus pais ajoelhados e em pijama a ouvir rádio muito alto na sala. Não fui à escola. O meu pai saiu, depois voltou e saímos até muito tarde nessa noite. Eu e o meu irmão andámos em cima de um tanque, nesse dia ou nos seguintes, não me recordo. Sei que estava toda a gente muito contente, que não havia escola e que se podia fazer tudo.

Teve dificuldade em mergulhar naquele universo?

ALEX GOZBLAU

Gostaria de acreditar que não. Embora me pareça mais fácil ilustrar a escuridão da ditadura que a cor da democracia.

ANDRÉ LETRIA

Não. Graças ao meu pai, com quem partilhei o projecto, pude conhecer bem alguns episódios.

ANTÓNIO MODESTO

Nenhuma. Lembro-me apenas de hesitar por momentos, temendo que o golpe militar pudesse ter sido da ala mais extremista do exército, a exemplo do Chile (tão fresco na memória de então) pondo fim à chamada Primavera marcelista. Dissipadas as dúvidas integrei, com toda a energia e convicção, os primeiros grupos de populares que gritaram frases de liberdade na Avenida dos Aliados, no Porto.

JOÃO CAETANO

Não tive essa experiência. De resto, as revoluções não me comovem especialmente.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Suponho que a pergunta tem a ver com um mergulhar posterior. Não muito. Associo um determinado ambiente aos meus primeiros anos de vida e a informação histórica que obtenho desse período reenvia-me para essa atmosfera, que estudo sempre com algum interesse.

SUSANA OLIVEIRA

Nenhuma, qualquer criança compreende aquele estado de festa.

Que imagens o marcaram?

ALEX GOZBLAU

Das imagens que vi, fotografias principalmente, alguns documentários, recordo principalmente as pessoas. Gente feliz, mas algo acabrunhada...

alguns quase com vergonha e medo de se sentirem felizes.

ANDRÉ LETRIA

As da festa. As pessoas que enchiam ruas a festejar.

ANTÓNIO MODESTO

As imagens de rios de pessoas com direito às ruas; as imagens da liberdade de gritar. As imagens do fim do medo.

JOÃO CAETANO

Mais gente nas ruas. Militares da FRELIMO, especialmente. Ainda a visita a grandes exposições de material bélico apreendido. Só aí percebi (com 12 anos) que havia uma guerra, diferente das do “Mundo de Aventuras”. Na escola, a disciplina de História de Portugal deu lugar à História de Moçambique: os antigos “turras” do regime erguiam-se agora como os novos heróis...

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Imagens a preto e branco de homens com bigode e cabelo a precisarem de corte, caminhando em multidões pelas ruas. Por algum motivo, associo sempre óculos diários com lentes acastanhadas à atmosfera dos anos 70 portuguesa.

SUSANA OLIVEIRA

Muitas imagens se misturam na minha memória. Por um lado, como era muito pequena, não sei quais delas resultam de uma experiência directa ou indirecta. Por exemplo, não sei se peguei mesmo num cravo quando subi para o tanque ou se imaginei esse cravo por causa das fotografias e imagens televisivas das pessoas nos tanques. Por outro lado, como o meu pai esteve muito envolvido politicamente, eu tive acesso a pessoas, lugares e objectos - lembro de tocar numa metralhadora em casa do Melo Antunes, entre outras coisas. Mas também me lembro de, a partir de certa altura, começar a ter medo, muito medo, de bombas, ataques, prisões...

Com que imagens se faz uma revolução?

ALEX GOZBLAU

Com pessoas. Não necessariamente uma massa anónima, mas pessoas reais... muitas caras retratando muitas versões de uma história semelhante.

ANDRÉ LETRIA

Com as imagens da coragem.

ANTÓNIO MODESTO

Com as imagens das pessoas, de ruas onde o poder parece residir e, inevitavelmente, com imagens de entusiasmos e excessos.

JOÃO CAETANO

Menos com imagens, mais com consciências.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Pinturas em paredes com siglas estranhas rodeadas de pombas e roldanas e punhos e... Mas nesta também cravos, sempre, tanques a cirandar pelas ruas.

SUSANA OLIVEIRA

Não sei se compreendi bem esta pergunta, eu não sei como fazer uma revolução. As imagens que ficaram são as das pessoas nas ruas, dos soldados, os murais coloridos, aquele cartaz do miúdo a pôr o cravo na espingarda, o ar animado e informal dos locutores na televisão.

Que cores associa à Revolução de Abril e porquê?

ALEX GOZBLAU

Vermelho. Por causa dos cravos e do eufemismo do encarnado.

ANDRÉ LETRIA

A associação ao vermelho é inevitável. Por ser a cor do cravo, mas também a por ser a cor do comunismo.

ANTÓNIO MODESTO

O vermelho inevitável das bandeiras e dos cravos, mas o preto e branco também,

como ficaram registados os relatos da época nos media. De altos contrastes, aqui e ali, timidamente, de cores pop (à semelhança da revolução cubana) misturadas com o vermelho-amarelo-preto importados da estética maoísta.

JOÃO CAETANO

Cansam-me as cores cravadas na memória acerca desse como doutros acontecimentos. Escolheria o branco.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

O vermelho e o “verde-tropa”. Pelos cravos, pela aura comunista que rodeava parte do meu imaginário infantil em relação a essa época, e pelos soldados.

SUSANA OLIVEIRA

Vermelho, obviamente, mas também o padrão camuflado das fardas. Se calhar as duas coisas juntas produzem um efeito ainda mais forte.

Que elemento (ou figura) encarna melhor o simbolismo da revolução?

ALEX GOZBLAU

Curiosamente não penso nem em cravos, nem chaimites, nem no Salgueiro Maia, nem em militar nenhum. Apenas um rosto feliz de um adulto em cima de uma árvore.

ANDRÉ LETRIA

Salgueiro Maia.

ANTÓNIO MODESTO

O cravo, embora um cliché aproveitado, é um elemento simbólico real. As chaimites carregadas de soldados desalinhados são símbolos fortes. Salgueiro Maia e Otelio Saraiva de Carvalho são figuras representativas da revolução. No entanto, para mim, as imagens que melhor encarnam o simbolismo da revolução são as ruas ocupadas pelas pessoas.

JOÃO CAETANO

A voz livre e o pensamento activo.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Não posso fugir do cravo. Mas durante muito tempo, até à adolescência, associei sempre a pomba branca a esse período. Mas foi sempre uma visão ingénua e pessoal, sem qualquer outro fundamento que associações pessoais.

SUSANA OLIVEIRA

Apesar da banalidade da resposta, é mesmo o cravo vermelho, não consigo sequer pensar numa alternativa.

Trabalhou sobretudo com a memória ou fez pesquisa iconográfica?

ALEX GOZBLAU

Enganei-me olhando fotografias e corriji o engano consultando as memórias.

ANDRÉ LETRIA

A pesquisa iconográfica foi essencial. Muitas das coisas que vi devo ao Museu da Resistência.

ANTÓNIO MODESTO

A minha memória era pouco rigorosa para um texto cujo referente histórico, embora poético, precisava. Recorri à documentação fotográfica da época, a preto e branco, e a minha memória alimentou a poética da narrativa.

JOÃO CAETANO

Mais com a pesquisa iconográfica.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Nunca trabalhei directamente sobre esse tema. Foi sempre apenas próximo. Mas faço sempre pesquisa iconográfica, atento sobretudo a cartazes e, claro, fotos.

SUSANA OLIVEIRA

A partir das imagens que recordava e daquelas que correspondem ao que julgo ser o imaginário comum desses dias para a maioria das pessoas. Mas fiz alguma pesquisa iconográfica, sobretudo fotografias da época, consultei elementos

relativos às fardas, ao tipo de armas, máquinas e carros usadas, esse tipo de elementos técnicos que a memória não guarda. Também revisitei os locais significativos em Lisboa para não cometer ‘erros’ nos cenários urbanos.

Porque havemos de contar às crianças o 25 de Abril?

ALEX GOZBLAU

Ensinar história é tão importante que me parece quase ridículo nomear argumentos para defender esta ideia. Trinta e três anos poderão parecer uma eternidade para muitas crianças, mas é importante que elas conheçam a história da revolução, da ditadura e desta democracia também, já agora.

ANDRÉ LETRIA

Por ser a data mais marcante da nossa história recente. Porque a data representa o início de um período que faz de cada um de nós responsável pelo seu destino: temos a capacidade para escolher o que queremos para nós e para o país.

ANTÓNIO MODESTO

Pela mesma razão que contamos outros períodos do nosso passado colectivo: a Restauração; a implantação da República... A sua proximidade ainda mais o justifica atendendo a que muitos pais e avós sentiram profundamente as consequências da ditadura salazarista e, tal como as crianças, vivem hoje as consequências da mudança de regime.

JOÃO CAETANO

Para lhes comunicar a força que uma ideia verdadeiramente livre pode ter.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

A revolução tornou os portugueses mais exigentes, com maiores expectativas. Todos temos alguns direitos como adquiridos. É preciso não deixar apagar a memória desse período, para que os futuros adultos saibam enquadrar essas expectativas com outra humildade e que não se distraiam, para que um dia não se caminha para o passado.

SUSANA OLIVEIRA

Porque foi uma aventura verdadeira, com vilões, obstáculos, dificuldades, falhanços, heróis e um final redentor do qual eles ainda hoje participam.

Como foi a sua relação com o autor do texto (foi integrada ou em paralelo, discutiram opções estéticas, etc.)?

ALEX GOZBLAU

O texto chegou-me já concluído. Troquei algumas ideias com o Mésseder para ter a certeza que olhávamos na mesma direcção e também fui mantendo o contacto com o José Oliveira, nosso editor, que soube incentivar-me e discutir ideias deixando espaço para que eu pudesse rabiscar à vontade.

ANDRÉ LETRIA

O meu trabalho foi feito sobre o texto, sem interferência do autor. Foi de extrema importância o trabalho de design do Jorge Silva, esse sim feito em paralelo com o trabalho da ilustração.

ANTÓNIO MODESTO

Nenhuma. Embora amigos, não costumamos interferir no trabalho um do outro. Para o bem e para o mal.

JOÃO CAETANO

Pouca relação com o autor. Isso é um sintoma habitual no que diz respeito ao livro ilustrado em Portugal.

JOSÉ MANUEL SARAIVA

Num dos trabalhos mais próximos sobre o 25 de Abril, que na verdade deveria ser mesmo sobre o movimento, o escritor, o José Viale Moutinho, foi por um caminho lateral, olhando para o franquismo em Espanha. Existiram algumas conversas agradáveis mas, basicamente, cada um foi responsável pela sua área, texto ou imagem.

SUSANA OLIVEIRA

Não houve qualquer relação nem sequer um contacto telefónico, o trabalho foi mediado pelos editores/organizadores.

Texto de abertura de *Abril, Abrilzinho*, Manuel Freire, Vitorino, José Jorge Letria, André Letria (ilustrador), Praça das Flores e Público, 2006

ABRIL VEZES TRÊS

Juntaram-se três memórias, três vivências e três percursos num disco que fala de Abril aos mais novos, para que saibam um pouco melhor o que foi, o que ajudou a mudar e as emoções e esperanças que desencadeou e que, entretanto, se fizeram História.

Os três autores-intérpretes, ou, se se preferir, os três cantautores, partilharam, antes e depois do 25 de Abril, palcos, lutas e utopias. As recordações desses tempos de fraternidade e luta não prescreveram. Por isso se fez este disco. Por isso se pensou nos mais novos ao fazê-lo.

Se este disco fosse uma carta, teria como endereço “a malta que hoje aprende o que é o mundo”. As canções de *Abril, Abrilzinho* não pretendem escrever ou reescrever a História. Pretendem apenas dizer que há nomes, lugares, sentimentos e lembranças intensamente vividas que não podem perder-se no saco sem fundo do esquecimento. *Abril, Abrilzinho* é isso mesmo: um disco contra o esquecimento que esvazia as memórias e as deixam tão perigosamente desertas de referências e de valores.

Abril foi o que foi. Abrilzinho é a ternura com que teimamos em recordá-lo, pensando nos nossos filhos e nos nossos netos, talvez com uma legítima dose de nostalgia e com a grande comoção de quem foi jovem e feliz no coração de um inesquecível processo de transformação social e política deste País.

Abril, Abrilzinho é um disco para os mais novos, mas também para os que foram contemporâneos dos seus autores, podendo assumir-se, ao ouvi-lo, como testemunhas da alegria desses dias ímpares.

É possível que se detecte, escutando-o, a comoção que nós sentimos ao concebê-lo e ao gravá-lo. É bom continuarmos a ser capazes de ter emoções como estas, porque é sinal que Abril está vivo, e nós também. Mau é já não ter nada para recordar e morrer um pouco por dentro com o travo amargo desse vazio.

Gostámos de dar forma a este diário de bordo de uma viagem pela memória de um tempo que fez História. Gostámos de trabalhar com um excelente orchestrador, com músicos de talento e com as crianças de Montemor-o-Novo que deram o timbre da alegria a esta evocação cantada.

No princípio vieram as palavras dando corpo às lembranças. Depois chegaram as músicas e as vozes. *Abril, Abrilzinho* ganhou asas para voar, conquistou fôlego para chegar ao destino, ou seja, ao coração de quem acredita que as mais belos sonhos da vida não têm prazo de validade. Parafraseando Pablo Neruda, podemos dizer, falando de Abril e do que ele representou e representa para várias gerações de portugueses: confessamos que o vivemos.

Lisboa, Fevereiro de 2006

José Jorge Letria
Manuel Freire
Vitorino

A reler

- ▶ ARAÚJO, Matilde Rosa (1983): «História de uma flor» in *A Velha do Bosque*, Lisboa: Livros Horizonte, 2ª edição (ilustrações de Ana Leão) sem ISBN.
- ▶ CASTRIM, Mário (1999): *O Caso da Rua Jau*, Porto: Campo das Letras, ilustrações de José Saraiva (ISBN: 972-610-187-5).
- ▶ CRUZ, Valdemar (1998): *O Soldado e o Capitão os Cravos e o Povão*, Porto, Campo das Letras (ilustrações de João Caetano) ISBN: 9726100941.
- ▶ CRUZEIRO, Maria Manuela e MONTEIRO, Augusto José (2000): *25 de Abril - Outras Maneiras de Contar a Mesma História*, Lisboa: Editorial Notícias – Casa das Letras (ilustrações de Marta Rego) ISBN: 9724611205.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999): *Capitães de Abril*, 2ª edição, Porto, Ambar (ilustrações de José Pedro Costa) ISBN: 972-43-0324-1.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999): *Era uma vez um cravo*, Lisboa: Câmara Municipal (ilustrações de André Letria) sem ISBN.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999): *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros*, Lisboa, Terramar Editores (ilustrações de João Abel Manta) ISBN: 972710228X.
- ▶ LETRIA, José Jorge (2002): *Viagem à Flor de um Mês*, Porto: Campo das Letras (ilustrações de André Letria) ISBN: 9726105390.
- ▶ LOPES, Conceição (1999): *Vinte e cinco de Abril quase como um conto de fadas*, Porto, Livraria Civilização Editora (ilustrações de Francisco Santarém) sem ISBN.
- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (2004): *O Rapaz da Bicicleta Azul*, Porto: Campo das Letras (ilustrações de António Modesto) ISBN: 9726108152.
- ▶ MATA, Maria (1996): *L. A. & Ca. No meio da Revolução*, Porto: Civilização, ilustrações de Susana Oliveira, ISBN: 972-26-1168-2.
- ▶ PINA, Manuel António (1995). «A revolução das letras» in *OTêpluquêe outras histórias*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 8-15 (ilustrações de José de Guimarães).

Bibliografia

CRUZEIRO, Maria Manuela e MONTEIRO, Augusto José (2000). *25 de Abril – Outras Maneiras de Contar a Mesma História*. Lisboa: Editorial Notícias – Casa das Letras (ilustrações de Marta Rego).

FIGUEIREDO, Maria Augusta da Fonseca Pires Figueiredo (2007): *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*, dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta (exemplar policopiado) [orientação de Glória Bastos].

GOMES, José António (2001): *Os livros para crianças e jovens e o 25 de Abril*. Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude]. pp. 9-10, Porto, Campo das Letras.

LETRIA, José Jorge (1999c). *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros*. Lisboa: Terramar Editores (ilustrações de João Abel Manta).

LAMEIRAS, João Miguel; BOLÉO, João Paulo Paiva; SANTOS, João Ramalho (1999). *Uma revolução desenhada – O 25 de Abril e a BD*. Porto: Edições Afrontamento. Lisboa: Bedeteca de Lisboa.

► PINA, Manuel António (2005): O Tesouro, Porto: Campo das Letras, 21ª edição (ilustrações de Evelina Oliveira) ISBN: 9726109299.

► PINHÃO, Carlos (1977): Bichos de Abril, Lisboa: Editorial Caminho, ilustrações de João Martins, sem ISBN.

► TORRADO, António (2001): Vassourinha, Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Abel Manta) ISBN: 9726103762.

► VAZ, José (2000): A Fábula dos feijões cinzentos. 25 de Abril, como quem conta um conto, Porto, Campo das Letras, colecção Palmo e Meio (ilustrações de Elsa Navarro) ISBN: 9726102685.

► VIEIRA, Alice (1999): Vinte cinco a sete vozes, Lisboa: Editorial Caminho, ISBN 972-21-1245-7.

► VIEIRA, Vergílio Alberto (2004): A Revolução das Letras: o 25 de Abril explicado às crianças, Porto, Campo das Letras (ilustrações de Fedra Santos) ISBN: 972610825X.

Links para saber mais

<http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=HomePage>

Centro de documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra. Este site tem informação muito útil e completa. Revela, ainda uma particular atenção em relação aos destinatários infantis e juvenis, na secção “O 25 de Abril para os mais novos” (<http://www.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=livrosbd>)

http://www.fundacao-mario-soares.pt/arquivo_biblioteca/Dossier02/default.asp

Dossier da Fundação Mário Soares composto por fotografias de Alfredo Cunha, com legendas de Adelino Gomes, a reprodução do registo magnético da senha das operações militares desencadeadas nesse dia, emitida no programa “Limite” da Rádio Renascença, além de uma selecção de documentos e de recortes de imprensa.

<http://www.pcp.pt/actpol/temas/25abril/30anos/index.htm>

Dossier do PCP com fotografias, cartazes, artigos e documentos variados.

Sugestões de leitura

Abril, Abrilzinho

Manuel Freire, Vitorino,

José Jorge Letria, André Letria (ilustrador)

Em 2006, José Jorge Letria, em co-autoria com Manuel Freire e Vitorino, e novamente com ilustrações de André Letria, assina este livro-cd, que revisita, sobretudo através da poesia e da música, o universo da Revolução de Abril, as suas personagens e alguns dos seus motivos mais representativos e simbólicos. O facto de os poemas serem musicados e cantados por autores/cantores de intervenção imprime cor local ao livro, aproximando-o do espírito (porque da sonoridade e dos ritmos) do 25 de Abril de 1974. No caso desta edição, e para além dos próprios textos poéticos, revela-se particularmente interessante a apresentação da obra ao reflectir sobre a pertinência da temática e sobre os objectivos da edição, contextualizando-a (e procedendo à sua justificação) no panorama contemporâneo. Assinado por José Jorge Letria, Manuel Freire e Vitorino, o paratexto introdutor, intitulado "Abril x 3", reivindica o cariz pedagógico da edição e assume-o como uma partilha de memórias (e de utopias) entre os autores e as gerações mais novas ou, nas palavras dos autores, "a malta que hoje aprende o que é o mundo". Neste sentido, *Abril, Abrilzinho* apresenta-se como «um disco contra o esquecimento que esvazia as memórias e as deixam perigosamente desertas de referências e de valores». Resultado de uma nostalgia que não enjeitam e de uma emoção muito forte, a obra pretende unir gerações em torno de ideais sem idade.

► *Abril, Abrilzinho*, Manuel Freire, Vitorino, José Jorge Letria, André Letria (ilustrador), Praça das Flores e Público, 2006

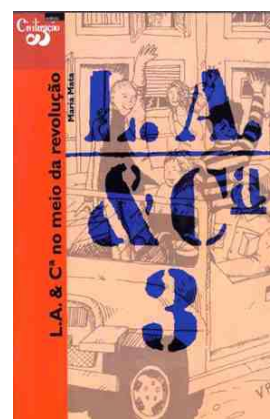


L. A. & Cª no meio da revolução

Maria Mata, Susana Oliveira (ilustrador)

Terceiro volume das aventuras de Luís, Ana, Filipe Nuno, a narrativa de Maria Mata, com ilustrações de Susana Oliveira, através de um curioso jogo temporal e narrativo (procedendo ao encaixe de uma narrativa dentro de outra passada 20 anos antes da primeira), recria, a partir do ponto de vista das crianças que a protagonizam, a experiência da Revolução de Abril de 74, as suas movimentações civis e militares e o significado simbólico da data. Estruturado sob a forma de uma novela histórica e integrando muitos elementos das narrativas juvenis de mistérios e aventuras, o livro cruza factos históricos com outros ficcionais, esclarecendo os leitores contemporâneos sobre os contornos daquela data. É também a funcionalidade informativa que justifica o paratexto final, contendo dados explicativos sobre o 25 de Abril e as fotografias alusivas à data, na sua grande maioria de Eduardo Gageiro.

► *L. A. & Cª no meio da revolução*, Maria Mata, Susana Oliveira (ilustrador), Civilização, Porto, 1996



O Caso da Rua Jau

Mário Castrim, José Saraiva (ilustrador)

A novela de Mário Castrim tematiza, de um ponto de vista singular, a questão da vigência da Ditadura salazarista e os seus reflexos no universo escolar, recriando, através de uma narrativa encaixada, as diferenças entre a actualidade e o Estado Novo. Trata-se, de alguma forma, de aproximar os jovens leitores contemporâneos, através das comparações implicitamente sugeridas, de uma realidade desconhecida, marcada pela falta de liberdade, pela censura e pela intolerância. O ambiente escolar, as relações entre os jovens, as condições de vida das famílias assim perspectivados permitem perceber as modificações introduzidas pela Revolução de Abril e pela Liberdade. Com um discurso vivo e cativante, marcado pela coloquialidade e pelo diálogo e acção constantes, Mário Castrim consegue cativar os leitores e desafiá-los a tirar as suas conclusões pessoais das várias histórias que aqui são narradas.

► *O Caso da Rua Jau*, Mário Castrim, José Saraiva (ilustrador), Campo das Letras, Porto, 1999

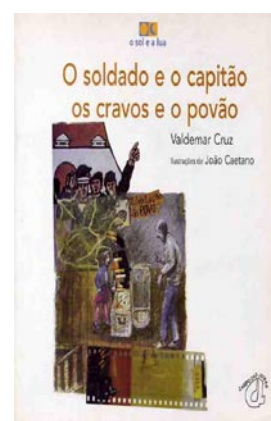


O Soldado e o Capitão, os Cravos e o Povão

Valdemar Cruz, João Caetano (ilustrador)

A obra propõe, além de um investimento no diálogo intergeracional, uma reflexão profunda sobre elementos que hoje tomamos como adquiridos e inquestionáveis e que resultaram do empenhamento, da coragem, da luta e do sofrimento de muitos. A valorização retrospectiva do passado não visa o enaltecimento de feitos heróicos, mas o investimento quotidiano e diário na defesa e na manutenção da liberdade. Trata-se de uma aproximação, com evidentes intenções pedagógicas, às memórias mais ricas e mais marcantes da Revolução, num cruzamento de tempos e de perspectivas sobre o facto histórico mais determinante do século XX português. As ilustrações de João Caetano potenciam a leitura em diálogo permanente entre tempos diferentes. Socorrendo-se de materiais iconográficos diversificados ligados quer ao Estado Novo quer à Revolução, o ilustrador recria-os, sobrepondo-lhes outros elementos que ancoram a narrativa no presente.

► *O Soldado e o Capitão, os Cravos e o Povão*, Valdemar Cruz, João Caetano (ilustrador), Campo das Letras, Porto, 1999



O tesouro

Manuel António Pina, Evelina Oliveira (ilustrador)

Esta narrativa breve, publicada, pela primeira vez, em 1993, pela Associação 25 de Abril e pela APRIL, com suaves ilustrações de Manuela Bacelar, foi reeditada, agora, com uma componente pictórica mais dominante e forte, da autoria de Evelina Oliveira. Trata-se de uma obra que tem como leitmotiv a Memória e um momento crucial da História recente: a Revolução dos Cravos. Num registo vivo e emotivo, pontuado pela metáfora, pelas estruturas enumerativas polissindéticas e pelas notações sensoriais, nomeadamente auditivas e visuais, Manuel António Pina ficcionaliza o antes, o durante e depois do 25 de Abril de 1974, deixando um apelo para que o «Dia da Liberdade» nunca deixe de ser lembrado e para que esse «País das Pessoas Tristes» não regresse. Detecta-se, neste conto, o cruzamento de um conjunto de binómios com importantes valências expressivas e simbólicas, designadamente: o estado de espírito “cinzento” das pessoas vs. o cenário “azul” que as envolve; a sua aparência fechada e silenciosa vs. a sua essência franca, aberta e dialogante; silêncio vs. canção; o passado vs. presente; o país das pessoas tristes vs. as terras dos visitantes; medo vs. coragem; opressão vs. liberdade; ditadura vs. democracia.

► *O tesouro*, Manuel António Pina, Evelina Oliveira (ilustrador), Campo das Letras, Porto, 2005



Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada

João Pedro Mésseder, Alex Gozblau (ilustrador)

Revisitação poética da história do 25 de Abril de 1974, com particular relevo para os antecedentes da Revolução, recriando a vida em Portugal durante a vigência do Estado Novo, *Romance do 25 de Abril*, de João Pedro Mésseder, sublinha ainda as consequências trágicas desse longo período da História portuguesa contemporânea, como as perseguições políticas, a censura e a Guerra Colonial, entre outros aspectos. A opção pelo “romance”, enquanto género da literatura tradicional, permite a valorização da memória e do cariz épico das história narrada, destinada a perdurar pela transmissão de geração em geração. Com ilustrações de Alex Gozblau, o livro ganha uma especial identidade, vendo sublinhada a dimensão referencial da narrativa através da representação iconográfica fiel das figuras cimeiras do Estado Novo. As ilustrações sugerem de forma particularmente intensa a transição entre a Ditadura e a Liberdade, servindo-se da variação cromática com evidentes intenções semânticas e pragmáticas. Vejam-se, como elementos claramente significativos do ponto de vista visual, a articulação entre a capa e a contracapa, assim como a leitura das guardas iniciais e finais, retomando alguns dos motivos simbólicos mais significativos da época revisitada.

► *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, João Pedro Mésseder, Alex Gozblau (ilustrador), Caminho, Lisboa, 2007



Vassourinha entre Abril e Maio

António Torrado, João Abel Manta (ilustrador)

É a partir de uma metáfora que António Torrado estrutura *Vassourinha entre Abril e Maio*, obra publicada em 25 de Abril de 2001 e que conta com ilustrações de João Abel Manta. O texto caracteriza-se pela insistência num conjunto muito significativo de jogos de palavras e de sons, pelo recurso à aliteração, à rima e às repetições, sobretudo na primeira parte da narrativa, promovendo sugestões paralelísticas. A divisão da acção em duas partes distintas permite a percepção de dois momentos significativos: o antes e o depois da revolta da vassoura.

► *Vassourinha entre Abril e Maio*, António Torrado, João Abel Manta (ilustrador), Campo das Letras, Porto, 2001



Título Vinte e Cinco a Sete Vozes

Alice Vieira

Sete personagens diferentes, que pertencem a três gerações, falam do 25 de Abril, questionadas por uma investigadora que pretende captar vários olhares para a elaboração de uma tese de mestrado. Convivem nesta narrativa dois adolescentes (para o rapaz, um simples feriado, para a rapariga, um tema feliz que justifica um artigo no jornal da escola), duas professoras que sentiram na pele a ditadura, um merceeiro (pai do jovem entrevistado) que recorda a infância de trabalho e o afastamento da escola, a mãe da adolescente que evoca o deslumbramento da revolução e não esquece os tempos da clandestinidade vivida pelos amigos da família e, por fim, o seu pai que revive o passado e celebra o presente.

► *Título Vinte e Cinco a Sete Vozes*, Alice Vieira, Caminho, Lisboa, 1999



Originalmente para: VI Encontro de Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Outubro de 2006 (versão reduzida). O texto integral será publicado nas Actas daquele encontro que se encontram no prelo.

Memórias da Revolução de Abril na Literatura para a Infância: diferentes formas de contar a mesma história

Ana Margarida Ramos

Resumo

No que respeita à História recente de Portugal, nenhum outro momento tem despertado a atenção de autores de textos preferencialmente destinados à infância e juventude (e também de editores) como o 25 de Abril de 1974. Contam-se, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, várias edições (em número significativo de cariz comemorativo) claramente conotadas com a explicação, histórico-factual ou metafórica, do 25 de Abril, onde podemos incluir textos de José Jorge Letria, António Torrado, Valdemar Cruz, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, entre outros.

No que respeita à História recente de Portugal, nenhum outro momento tem despertado a atenção de autores de textos preferencialmente destinados à infância e juventude (e também de editores) como o 25 de Abril de 1974. Contam-se, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 90, várias edições (em número significativo de cariz comemorativo) claramente conotadas com a explicação, histórico-factual ou metafórica, do 25 de Abril, onde podemos incluir textos de José Jorge Letria, António Torrado, Valdemar Cruz, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães, entre outros. Neste contexto, é propósito deste estudo proceder a uma reflexão sobre as publicações mais marcantes associadas à data da Revolução de Abril, sobretudo no que à narrativa diz respeito, na tentativa de estabelecer alguns dos motivos dominantes que enformam as diferentes revisitações do momento em questão, para além de identificar alguns dos objectivos da sua edição.

No que à produção de destinatário preferencial infantil diz respeito, estamos mesmo em crer que se verifica, em relação à literatura canónica, uma maior assiduidade da temática, sobretudo em momentos mais ou menos simbólicos, como é o caso da comemoração de aniversários emblemáticos, o que explica a quantidade de obras editadas em 1999, altura da celebração dos 25 anos da Revolução de Abril. A explicação para este

tratamento recorrente, em termos mais simbólicos ou mais referenciais, do 25 de Abril, dos seus antecedentes directos e das suas consequências imediatas passará, em primeiro lugar, pela consciência da sua importância e da necessidade de passar o testemunho do significado às gerações vindouras. Mas não se esgota aqui. De alguma forma, o desencanto, possivelmente até a desilusão, da geração que fez Abril e o viveu de forma intensa, motiva a renovação da esperança nas crianças já nascidas e educadas em liberdade, provas claras da importância das conquistas da Revolução. Trata-se, em alguns casos, de subsidiar o enriquecimento de uma memória colectiva, mítica e simbólica, ligada à construção da identidade nacional e da consciência social. Depois do doutrinação generalizado, durante várias décadas, em torno de valores conotados com o passado glorioso e imperial de Portugal, propõe-se a identificação com outros acontecimentos marcantes, reiterando as suas consequências políticas, sociais e culturais mais significativas. Não estará ausente, em muitas publicações, o cariz politicamente empenhado que identifica uma geração conotada com a resistência ao fascismo e a luta pela democracia.

O caso de José Jorge Letria revela-se, a este título, verdadeiramente marcante, como se pode perceber apenas por um levantamento não sistemático dos títulos deste autor directamente relacionados com esta questão. A sua participação social e politicamente empenhada, como autor, jornalista, músico e cantor de intervenção (cantautor), fazem dele uma das figuras mais interventivas de finais dos anos 60 e 70. Em 1999, por altura da comemoração dos 25 anos da Revolução, saem a público, da sua autoria, em diferentes editoras e com destinatários preferenciais ligeiramente diversos, três obras: *Capitães de Abril* (1999a), *Era uma vez um cravo* (1999b) e *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros* (1999c).

Este último, com ilustrações de João Abel Manta, assume-se como um testemunho pessoal das memórias de Abril, sobrepondo-se, de forma consciente e voluntária, o factual ao ficcional, dando conta do significado simbólico da data e das consequências que teve para Portugal e para os portugueses, permitindo ao destinatário jovem, tomar conhecimento de uma realidade aparentemente longínqua, mas crucial para

a compreensão do momento actual. Nesta medida, são, sempre que possível, estabelecidas analogias com a realidade presente e com a vivência quotidiana do leitor, convidado a manter vivo o espírito de liberdade e de tolerância e os ideais da Revolução. Desde os antecedentes da Revolução, com especial destaque para a censura, para a emigração forçada dos jovens em resultado da pobreza e da opressão, para as perseguições políticas e para a guerra colonial, o autor percorre os momentos mais emblemáticos que caracterizaram este período. Em alguns casos, verifica-se uma aproximação a temas que o autor entende difíceis, mas cruciais para o entendimento completo, e nas suas várias dimensões, da História portuguesa recente. Assumindo-se como um discurso próximo do histórico e acentuadamente factual, o texto de José Jorge Letria orienta-se segundo uma linha de pensamento que defende que a criança não deve ser mantida à margem do conhecimento do mundo que a rodeia. O carácter documental da publicação está ainda patente na componente pictórica que integra o livro, uma vez que as ilustrações de João Abel Manta retomam a linguagem e o estilo de muitos cartazes de apoio ao processo que se seguiu à Revolução, com particular destaque para a ligação entre o Povo e o MFA.

Também de José Jorge Letria, o livro *Capitães de Abril* (1999a) revisita o mesmo período histórico-político, que surge como pano de fundo para uma intriga simples, girando em torno de um jovem casal que é confrontado com a madrugada da Revolução e com a possibilidade de sonhar outros sonhos e ter expectativas diferentes em relação ao futuro. Num estilo linear e simples, o narrador pretende evidenciar o que a Revolução de Abril mudou nas famílias anónimas portuguesas e no país ao longo de vinte e cinco anos. Particularmente importantes são as referências ao movimento revolucionário pacífico e à forma como se desenrolou, pondo fim à Guerra Colonial, numa inversão clara dos símbolos de paz e guerra: «As armas e os blindados que estavam nas ruas do país eram de paz e não de guerra, eram de esperança e não de conflito. Cada uma dessas armas era tão bela como um cravo de Abril a anunciar um tempo novo» (Letria, 1999a: 53 e 54). Os acontecimentos ficcionais que estruturam a narrativa estão a serviço da factualidade e da revisitação da História e dos seus protagonistas. A explicitação espaço-temporal

e a referencialidade dos nomes e das figuras alternam com um discurso profundamente emotivo, sobretudo no momento de recriar os sentimentos que invadiram as figuras (anónimas ou de proa) no dia da Revolução. A expressão do indizível aproxima-se do discurso poético mais característico do autor que não consegue (nem pretende) manter-se emotivamente indiferente em relação aos acontecimentos. Promovendo ligações entre o presente o passado, a narrativa também funciona como exortação à participação cívica e empenhada das novas gerações e à comemoração não de uma efeméride do passado, mas de uma conquista diária, efectiva e real. Da comparação entre diferentes gerações e os seus ideais sobressai um misto de desencanto e de esperança, ao mesmo tempo que se revisita, de forma nostálgica e profundamente emocionada, a madrugada e o dia da Revolução.

Também de 1999, *Era uma vez um cravo* é uma narrativa versificada, assinada por José Jorge Letria e André Letria. Do ponto de vista visual, destaca-se o grande impacto das ilustrações a preto e branco, pontuadas, em momentos muito particulares, pelo vermelho, duplamente simbólico, associado à flor em questão e ao movimento político que a suporta, e acentuado por algumas palavras do texto também coloridas e destacadas pela mesma cor. A narrativa gira em torno de D. Floripes, florista, e da forma como o cravo, por acção de uma mulher comum, se transforma em símbolo da Revolução ao ser distribuído aos militares na manhã do dia 25. A alegria de uma florista anónima, também vítima¹ da ditadura, transforma-se na exaltação de todo um povo ao ver chegar o fim de um longo período de sofrimento. Mas esta é também uma narrativa que permite perceber a ligação umbilical da Revolução à cidade de Lisboa e aos seus habitantes que a apoiaram e testemunharam desde o primeiro instante. São recuperados os elementos mais significativos desse dia, com relevo determinante para as movimentações militares e civis, para o protagonismo inesperado de Salgueiro Maia, para as canções de Zeca Afonso e para o clima de contentamento e euforia vivido. O grafismo utilizado é específico desta edição e caracteriza-se pelos jogos de alternância com diferentes tamanhos de letra. A ilustração retoma motivos característicos do ilustrador, permitindo o estabelecimento de afinidades com outras produções suas.

¹ Confrontar com: «Tinha um filho na guerra, / outro em Paris exilado / e sonhava com o dia / de os ter de novo ao seu lado.» (Letria, 1999b)

Em 25 de Abril – *Quase como um Conto de Fadas* (1999), Conceição Lopes revisita o momento da Revolução como o fim de um tempo de opressão e de guerra. A perseguição da PIDE e a Guerra Colonial são apresentadas como as consequências mais visíveis e mais terríveis de um período sombrio da história portuguesa. É feito o elogio aos resistentes, os mensageiros que transportam as palavras proibidas e o tesouro da liberdade às populações e os soldados que querem pôr fim a uma guerra injusta.

A publicação de José Vaz, *A fábula dos feijões cinzentos* (2000), apresenta-se como uma alegoria da história da ditadura portuguesa e da Revolução que lhe pôs fim através de uma narrativa “aparentemente” sobre feijões. Deixando de lado a questão de saber se um livro construído desta forma pode ou não ser eficazmente recebido por leitores infantis, pelas inúmeras alusões presentes – não muito directas –, e pela linguagem fortemente metafórica ao nível histórico, político, social, económico, religioso, etc., a obra em questão propõe-se visitar o universo da revolução de Abril, dando conta dos seus antecedentes mais directos, como é o caso da Guerra Colonial, da opressão sentida e da censura generalizada. No reino do “Jardim-à-Beira-Mar-Plantado”, cenário da intriga, a opressão toma conta de elementos essenciais à vida, como o Sol, a Água e o Ar, simbolizando, respectivamente, «a liberdade de criar», «a obrigação de distribuir o que havia» e «o direito a pensar e a ter ideias diferentes». As vozes de resistência, cada vez mais audíveis e insistentes, dos feijões cinzentos permitem a mudança e a introdução da cor da liberdade na vida de todos.

É também a partir de uma metáfora que António Torrado estrutura *Vassourinha entre Abril e Maio*, obra publicada em 25 de Abril de 2001 e que conta com ilustrações de João Abel Manta. O texto caracteriza-se pela insistência num conjunto muito significativo de jogos de palavras e de sons, pelo recurso à aliteração, à rima e às repetições, sobretudo na primeira parte da narrativa, promovendo sugestões paralelísticas. A divisão da acção em duas partes distintas permite a percepção de dois momentos significativos: o antes e o depois da revolta da vassoura. A primeira parte metaforiza a opressão imposta por Dona Senhora (numa alusão

à expressão de senso comum utilizada para referir a Ditadura – “o tempo da outra senhora”), o controlo e a vigilância constantes. A segunda parte está associada ao momento da libertação e, com ele, a transformação operada na vida da vassoura, metáfora do povo oprimido, perseguido e subjugado. A repetição (também sob a forma anafórica) da expressão “até um dia” imprime a ideia de ruptura tão desejada, acentuando o significado do momento: «até um dia / até um dia, alvorada, / de um dia de sol ardente, / até um dia largar / por essas ruas de gente» (Torrado, 2001: 18). A vassoura ganha novo significado e novo simbolismo ao varrer do calendário o «tempo nojento e vil» (idem). O efeito de transformação fica patente na selecção vocabular de “alvorada”, “um dia de sol ardente” e «novo ano em fins de Abril» (idem) e no seu significado simbólico.

As ilustrações de João Abel Manta, de grande impacto visual pelas cores fortes e grandes manchas coloridas, cristalizam, também de forma metafórica, os motivos mais insistentes da narrativa poética de António Torrado, dando forma (e cor) ao refrão relativo à Dona Senhora, retratada de forma disfórica pela quase caricaturização de elementos anatómicos que a aproximam do estereótipo das figuras maléficas, como acontece com a forma do rosto e do nariz, e com a representação dos olhos, dos dentes e, sobretudo, das mãos quase como garras, para além da indefinição das manchas de cor e da relativa imprecisão do sinal contorno. As variações cromáticas e os jogos com os contrastes acentuam as conotações de medo e de opressão que dominam grande parte do texto. O movimento constante da vassoura decorre, sobretudo, das ilustrações inseridas nas páginas de texto (sempre condensado e plural, promovendo várias leituras) e da recorrência das linhas circulares, além de um conjunto diversificado de animais (com particular relevo para os insectos), dando conta da exploração de que a vassoura é alvo. A transformação ocorrida é captada na imagem em que a vassoura passa a ser empunhada como uma arma, simbolizando a revolta. Atente-se, nesta ilustração, no carácter mais definido das linhas de contorno, evidenciando a determinação dos revoltosos e caminhando na via do final feliz, em liberdade, da última imagem.

O texto de Matilde Rosa Araújo “História de uma flor”, republicado em 1983 em *A Velha do Bosque*, cruza a dimensão simbólica com a histórica. A partir da narrativa centrada na vida de uma flor entaipada e ignorada “num canto escuro da terra”, é metonimicamente recriada a História sombria e pantanosa de Portugal durante a Ditadura. O momento da iluminação da flor, numa madrugada primaveril, coincide com a Revolução de Abril, implicitamente referida: «Nas ruas havia flores vermelhas por toda a parte. No peito das mulheres, dos homens, nos olhos das crianças, nos canos silenciosos das espingardas» (Araújo, 1983: 30). Mais do que um final feliz, a chegada da liberdade representa o início de um caminho a ser trilhado por todos, tal como sugere a estrutura aberta da narrativa: «E continuaram a caminhar» (idem).

A obra de Valdemar Cruz, *O Soldado e o Capitão, os Cravos e o Povão* (1999), propõe, além de um investimento no diálogo inter-geracional, uma reflexão profunda sobre elementos que hoje tomamos como adquiridos e inquestionáveis e que resultaram do empenhamento, da coragem, da luta e do sofrimento de muitos. A valorização retrospectiva do passado não visa o enaltecimento de feitos heróicos, mas o investimento quotidiano e diário na defesa e na manutenção da liberdade. Trata-se de uma aproximação, com evidentes intenções pedagógicas, às memórias mais ricas e mais marcantes da Revolução, num cruzamento de tempos e de perspectivas sobre o facto histórico mais determinante do século XX português. As ilustrações de João Caetano potenciam a leitura em diálogo permanente entre tempos diferentes. Socorrendo-se de materiais iconográficos diversificados ligados quer ao Estado-Novo quer à Revolução, o ilustrador recria-os, sobrepondo-lhes outros elementos que ancoram a narrativa no presente. Desta forma, a simples observação das ilustrações revela-se um ponto de partida pertinente para a revisitação do período histórico em causa, revelando muitos elementos da sua iconografia simbólica que lhe são completamente indissociáveis. É o que acontece em relação a alguns cartazes do MFA, caracterizados por uma linguagem visual muito particular e perfeitamente identificada.

A ilustração da narrativa *O Rapaz da Bicicleta Azul* (2004), de Álvaro Magalhães, da responsabilidade

de António Modesto, também recorre, de forma mais pontual, a uma estratégia semelhante. Partindo de algumas imagens fotográficas marcantes do dia da Revolução e, em particular, da actuação de Salgueiro Maia, o ilustrador recria, à semelhança do que acontece na narrativa, um universo paralelo, a partir da história do rapaz que dá título ao livro. Recorrendo ao modelo da narrativa histórica, respeitando dados factuais e personagens referenciais (como é o caso da figura central de Salgueiro Maia), o autor propõe, com verosimilhança, uma narrativa paralela, centrada em personagens ficcionais, que cruza a primeira e a contextualiza, aproximando-a do universo de referências dos leitores. Transformando a figura anónima e até marginal do rapaz da bicicleta em elo fulcral, verdadeiro motor, dos acontecimentos de 25 de Abril de 74, o narrador fornece uma perspectiva singular, a partir do ponto de vista de uma criança que testemunha e condiciona o desenrolar de um dia histórico. Essa visão infantil, profundamente simbólica², é reforçada pela verdadeira demanda em que se transforma o percurso do rapaz em busca de uma liberdade concreta, visível e palpável, num mundo em ruptura. Apresentada como uma metadiegeese encaixada na história principal, e apesar de narrada em terceira pessoa pelo pai de João, a história do rapaz da bicicleta azul é, afinal, uma narrativa autodiegética em que se cruzam os destinos da criança e do país.

Promovendo, pontualmente, o diálogo intertextual com o texto de Manuel António Pina, *O Tesouro*, de que falaremos adiante, assiste-se, no conto de Álvaro Magalhães, à busca do rapaz e ao seu percurso, assim como às suas tentativas de dar cor e forma à liberdade. As perguntas que dão título aos dois primeiros capítulos – “O que é a liberdade?” e “Onde está a liberdade?” – encerram as preocupações do rapaz e os elementos centrais da intriga. A resolução da diegeese, através da identificação do protagonista e da redescoberta da bicicleta simboliza a interiorização do conceito de Liberdade e a passagem do testemunho de uma geração à seguinte, na comunhão dos mesmos desafios e ideais.

O conto *O Tesouro*, de Manuel António Pina³, conhece duas edições distintas, uma vez que é publicado pela primeira vez pela APRIL com ilustrações de Manuela

² Os simbolismos mais evidentes são, para além dos relativos ao próprio 25 de Abril e da metaforização da liberdade na flor, a própria bicicleta, meio de transporte utilizado de forma sistemática pelos resistentes, nomeadamente conotados com o Partido Comunista, a sua cor azul, a gravidez da mãe e o nascimento que ocorre mesmo no dia da Revolução, confundindo-se com ela...

³ Também da autoria de Manuel António Pina, o conto «O Romance da Revolução das Letras», incluído em *O Têpluquê* (1976), com ilustrações de João Botelho, alegoriza uma revolução que, começando pelas letras, contra as imposições gramaticais estabelecidas, se estende a todas as áreas: «Mas por mais leis que os gramáticos fizessem nunca mais conseguiram meter as letras na ordem alfabética. E depois das letras revoltaram-se as palavras, e depois os livros, e depois as bibliotecas, e depois tudo» (Pina, 1976).

Bacelar e, mais recentemente, reeditado, com ilustrações de Evelina Oliveira, pela Campo das Letras. As principais alterações prendem-se com o formato da publicação e com o crescimento considerável da componente ilustrativa, para além das modificações relativas ao estilo e técnicas utilizados. Manuela Bacelar reforça o simbolismo do cravo como flor da Revolução, através da sobreposição do título da narrativa à espécie em questão. É ainda visível o crescimento paulatino do cravo ao longo das quatro imagens principais que acompanham a narrativa. Metaforizada na flor, assiste-se, pois, ao nascimento e ao crescimento da Liberdade no seio de um país e de um povo oprimidos. Evelina Oliveira sublinha a importância do momento histórico em questão através da variação cromática. Conotando a ditadura, a censura e a opressão com as cores mais escuras e a liberdade com os tons mais claros e mais vivos, as imagens que acompanham o texto promovem as sugestões de mudança e de ruptura com um período negro da História portuguesa. Mantêm-se presentes os símbolos da Revolução, da Liberdade e da Paz e é dado particular destaque a personagens infantis, destinatários preferenciais da narrativa e herdeiros do tesouro conquistado. O estabelecimento do diálogo com a geração mais nova é evidente no acentuar das diferenças entre o presente e o passado. Trata-se, de uma forma muito simples e também muito acessível, de valorizar aquilo que tomamos por adquirido, atribuindo-lhe um significado particular. Parece evidente, por trás deste tipo de narrativas, a ideia de que o conhecimento do passado é decisivo para a actuação no presente, promovendo a educação de cidadãos mais conscientes e mais participativos. É neste sentido que podem ser lidas as reflexões finais do texto, tomando a Liberdade como um tesouro sob constante ameaça e apelando à sua defesa diária: «Esse país já não se chama País das Pessoas Tristes, chama-se Portugal e é o teu país. E o tesouro pertence-te a ti, és tu que agora tens de cuidar dele, guardando-o muito bem no fundo do teu coração para ninguém to roube outra vez.» (idem).

Apesar de o conjunto de textos que suporta esta reflexão ser predominantemente narrativo, não podemos deixar passar em claro o tratamento que esta temática tem conhecido por parte do texto lírico. Sem pretensões de exaustividade, atente-se num ou outro

texto que recupera o simbolismo da data, dando conta das suas várias facetas:

«Abril

A este mês
se deve o milagre
da sepa
ração
das mágoas»

(Mésseder e Mangas, 2004: 45)

Neste caso, João Pedro Mésseder e Francisco Duarte Mangas, através da metonímia, reivindicam para o mês de Abril a qualidade milagrosa do fim do sofrimento, sublinhando a ideia de ruptura na translineação do substantivo “sepa/ração”. Promovendo o diálogo intertextual, pela paronímia (águas e mágoas) e pela metáfora, entre a alusão implícita à separação das águas do Mar Vermelho por Moisés a marcar a libertação dos judeus e o fim do cativeiro no Egipto e a situação vivida em Portugal durante a ditadura, o poema festeja o cariz inaugural de um tempo novo.

Mas as memórias de um passado doloroso, de perseguições e prisões injustas também não são esquecidas. O poema que se segue pode ser entendido como uma homenagem aos resistentes durante a Ditadura. Particularmente significativas são as alusões simbólicas do texto. Depois da referência explícita à prisão de Peniche, símbolo da opressão, mas também da resistência, atente-se na importância do tratamento das sensações auditivas. Para além das referências ao silêncio imposto, aos murmúrios que constituem as vozes da resistência, à atenção redobrada dos “corvos e chacais” opressores, o poema estabelece uma clara dicotomia entre o dentro e o fora, associando a “fúria das águas” ao sentimento crescente de revolta que conduzirá à libertação:

«Em Peniche há muitos anos
(aos democratas presos durante
a ditadura de Salazar)

No parlatório
da prisão de Peniche
não se ouvia a água do mar.

Murmurada,
a voz dos presos
vibrava no silêncio.

No parlatório
da prisão de Peniche
também havia corvos
e chacais
de bom ouvido.

Lá fora
a fúria das águas.»
(Mésseder e Mangas, 2004: 44)

Num outro texto, publicado na mesma colectânea dos dois anteriores, é evidente o olhar crítico e profundamente irónico dos autores em relação ao exílio dos portugueses cúmplices do regime ditatorial, a partir da reescrita de um provérbio popular:

«Provérbio da Revolução
dos Cravos

Em Abril,
águas mil
molharam
não sei quantos
que fugiram
para o Brasil»
(Mésseder e Mangas, 2004: 48).

Em conclusão, cremos poder afirmar que, apesar de a grande maioria destes textos, cuja análise encetámos à luz da forma como revisitam e celebram a Revolução de Abril de 1974, ter, em muitos casos, de forma assumida, uma forte intenção comemorativa, não se esgotam neste objectivo. Diversificando as focalizações, procurando as pequenas histórias que se escondem atrás dos grandes acontecimentos históricos, sublinhando os elementos

simbólicos e afectivos da data em questão, os textos analisados aproximam horizontes de expectativas e gerações, desafiando leituras e leitores e incentivando olhares renovados, críticos e empenhados sobre a realidade presente e passada.

Referências Bibliográficas

- ▶ ARAÚJO, Matilde Rosa (1983). «História de uma flor». In *A Velha do Bosque* (pp. 21-31). Lisboa: Livros Horizonte, 2ª edição (ilustrações de Ana Leão).
- ▶ CRUZ, Valdemar (1998). *O Soldado e o Capitão os Cravos e o Povão*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Caetano).
- ▶ CRUZEIRO, Maria Manuela e MONTEIRO, Augusto José (2000). *25 de Abril – Outras Maneiras de Contar a Mesma História*. Lisboa: Editorial Notícias – Casa das Letras (ilustrações de Marta Rego).
- ▶ CUNHAL, Álvaro (2005). Os barrigas e os magriços (título posterior). Visão, nº 662, 10 de Novembro de 2005.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999a). *Capitães de Abril*. 2ª edição, Porto: Ambar (ilustrações de José Pedro Costa).
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999b). *Era uma vez um cravo*. Lisboa: Câmara Municipal (ilustrações de André Letria).
- ▶ LETRIA, José Jorge (1999c). *O 25 de Abril contado às crianças... e aos outros*. Lisboa: Terramar Editores (ilustrações de João Abel Manta).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2002). *Viagem à Flor de um Mês*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de André Letria).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2005a). *Versos com Gatos*. Lisboa: Livros Horizonte (ilustrações de Octavia Monaco).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2005b). *Letras & Letrias*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de André Letria).
- ▶ LOPES, Conceição (1999). *Vinte e cinco de Abril quase como um conto de fadas*. Porto: Livraria Civilização Editora (ilustrações de Francisco Santarém).
- ▶ MAGALHÃES, Álvaro (2004). *O Rapaz da Bicicleta Azul*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de António Modesto).

- ▶ MÉSEDER, João Pedro e MANGAS, Francisco Duarte (2004). *Breviário da Água*, Caminho: Lisboa.
- ▶ PINA, Manuel António (1995). A revolução das letras. In *O Têpluquê e outras histórias*. (pp. 8-15) Porto: Edições Afrontamento, (ilustrações de José de Guimarães) [1ª edição de A Regra do Jogo, 1976, com ilustrações de João Botelho].
- ▶ PINA, Manuel António (2005). *O Tesouro*. Porto: Campo das Letras, 21ª edição (ilustrações de Evelina Oliveira) [1ª edição de APRIL, 1994, com ilustrações de Manuela Bacelar].
- ▶ TORRADO, António (2001). *Vassourinha*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Abel Manta).
- ▶ VAZ, José (2000). *A Fábula dos feijões cinzentos. 25 de Abril, como quem conta um conto*. Porto: Campo das Letras, colecção Palmo e Meio (ilustrações de Elsa Navarro).

A literatura para a infância e a construção da memória: uma leitura de *Romance do 25 de Abril* em prosa rimada e versificada, de João Pedro Mésseder

Ana Margarida Ramos

RESUMO

Leitura da mais recente publicação de João Pedro Mésseder destinada ao público infantil, este ensaio breve analisa a forma como autor e ilustrador revisitam e recriam a Revolução de Abril e as memórias a ela associada.

Abril

*Assalto
ao Palácio do Inverno
para de vez
implantar
a Primavera.*

João Pedro Mésseder

¹ Dos quais destacamos, a título exemplificativo, José Jorge Letria, Manuel António Pina, Mário Castrim, Álvaro Magalhães, António Torrado, entre muitos outros. Em 2001, ao dar conta da publicação, por parte de Manuela Cruzeiro e António José Monteiro de 25 de Abril – *Outras Maneiras de Contar a Mesma História* (2000), José António Gomes refere que estes autores talvez escrevam «por dever de historiadores e de pedagogos, mas é certo que o fazem também por dever de memória para projectar no presente e no futuro as lições do passado e para afirmar essa memória perante os branqueadores da ditadura salazarista e marcelista» (Gomes, 2001: 9).

² Relembra-se, no que diz respeito ao texto poético, a presença de um número significativo de poemas directa ou indirectamente conotados com esta questão numa outra obra de João Pedro Mésseder, *Breviário da Água* (2004) (co-autoria com Francisco Duarte Mangas).

³ Que já motivou a realização de uma dissertação de mestrado subordinada a esta temática.

Articulando diferentes leituras do fenómeno mais marcante da História portuguesa contemporânea, a mais recente publicação de João Pedro Mésseder, *Romance do 25 de Abril* em prosa rimada e versificada, equaciona uma dimensão comemorativa com outra claramente interventiva, combinando a revisitação histórico-factual com a recriação poética, seguindo um conjunto vasto de autores¹ que, nos últimos anos, em diferentes géneros² e a propósitos vários, perspectivaram, para o universo da literatura de potencial recepção infantil, a Revolução de Abril de 74, o fim do Estado-Novo, e o significado desta data. A questão sobre a pertinência de publicações em torno deste tema, dado o seu número significativo³, parece ser respondida pelo contexto actual, uma vez que, passados 33 anos sobre o 25 de Abril, já não são só as crianças que desconhecem esse acontecimento. Uma parte cada vez mais expressiva dos mediadores adultos,

onde se incluem pais, professores e educadores, já nasceu depois daquela data ou viveu-a ainda durante a primeira infância, não tendo retido dela memórias significativas.

No caso da publicação assinada por João Pedro Mésseder, está patente, desde o título, pela referência ao “romance” enquanto género ligado à memória da tradição oral que aqui se quer recuperar e prolongar, deixando marcas indeléveis na memória afectiva dos leitores, uma intenção explícita, a de sublinhar a importância que o 25 de Abril assumiu na vida das pessoas, semeando esperanças e criando expectativas e sonhos de futuro. Além disso, não o esqueçamos, em termos teóricos, o romanceiro, de acordo com Pere Ferré⁴, apresenta uma forte componente épica⁵, uma vez que a narrativa, seguindo a evolução temporal linear e fortemente ancorada na figura do narrador, ordena acontecimentos marcantes, a vários títulos notáveis e que perduram na memória (e na mitologia) de uma comunidade. O verso e a rima ritmam a narrativa, imprimindo-lhe uma leitura ágil e veloz, muito próxima da oralização tradicionalmente associada ao género do romance tradicional, bem visível nos versos de medida popular, de sete sílabas, e na combinação de rima cruzada, interpolada e emparelhada. Assim, a opção por este género específico, narrativo e trabalhado de acordo com uma medida poética, associa-se a uma identidade cultural ancestral que se transmite sem esforço. Está também presente uma certa ligação a uma ideia de colectivo, de património partilhado, a que a voz, muitas vezes através da oralização, assegura transmissão e vida longa, além de referência assídua e relevante. Assim, mais importante do que a reportagem fria e distante dos factos, parece ser a crónica das emoções experimentadas pelos homens e a forma como se comovem perante um mundo em mudança, sentindo-se, por instantes, molas impulsoras do devir histórico.

É também da preocupação comunicativa que parece nascer a opção pela recusa de uma aproximação metafórica ao 25 de Abril, como a que é realizada por autores como Matilde Rosa Araújo, António Torrado, José Vaz ou Vergílio Alberto Vieira, em favor de uma narrativa que, apostando na referencialidade, não se envergonha ou inibe de “chamar os bois pelos nomes”, apontando o dedo aos culpados da situação vivida em Portugal durante

⁴ Confrontar com FERRÉ, P. (s/ data): «Romanceiro Velho e Tradicional» in <http://www.attambur.com/Recolhas/romanceiro.htm> (consultado a 2/04/07).

⁵ Cujas relevância, no caso da obra em análise, é significativa.

os anos negros da Ditadura. Assim, a referencialidade e a efectiva concretização dos acontecimentos parece reforçar a argumentação, tornando-a verosímil e credível aos olhos dos leitores. É assim que lemos as alusões históricas explícitas às figuras do Estado Novo e as próprias ilustrações que as identificam, promovendo o seu imediato reconhecimento e activando a enciclopédia dos mediadores adultos e dos leitores mais jovens.

A selecção de um protagonista infantil reforça o sentimento de proximidade por parte dos leitores, simultaneamente identificados com a criança e com o seu país, do qual ela recebe o nome próprio. É evidente, desde as primeiras linhas, que a personificação de Portugal na figura do “menino baixinho / pouco mais do que magrinho / que vivia à beira-mar”⁶, alude à geografia do país, para além de activar a memória intertextual dos leitores relativamente ao discurso oficial do Estado-Novo, sobre a pequena e estreita dimensão europeia de Portugal, compensada por um grande império colonial.

Assistimos, portanto, ao assumir de uma posição clara e inequívoca do autor perante os factos narrados. A subjectividade da perspectiva apresentada – a dos defensores da liberdade – é articulada com uma argumentação que assenta na exemplificação e na enumeração das consequências sociais, culturais, políticas e económicas da vigência da Ditadura. Esses reflexos são particularmente relevantes em determinados sectores da sociedade portuguesa, verificando-se a falta de qualidade da educação e do ensino, as terríveis condições de trabalho e a exploração económica dos mais fracos e dos mais pobres que lhes está associada, a emigração/exílio forçados, a guerra colonial, a censura, a vigilância e o controlo exercidos pela polícia política, a repressão, o medo, a prisão e a tortura, aos quais o narrador contrapõe a actividade heróica da resistência, com destaque para a resistência clandestina, nas suas diversas facetas e contextos (estudantil, militar, operário, cívico). É ela que permite a manutenção da esperança e dos sonhos de liberdade, igualdade, justiça e paz, condicionando as acções de toda uma geração na sua materialização.

Da narrativa, que se desenvolve condicionada pelo final feliz, não está ausente alguma inquietação associada ao futuro incerto e à necessidade de Portugal, já mais velho, se manter activo na luta pela realização dos

⁶ A expressão metafórica, que já entrou no uso comum, de Portugal como “um jardim à beira-mar plantado” é de Tomás Ribeiro (Tomás Ribeiro, *D. Jaime*, Porto, Ed. da Livraria Moré, 1874, pág. 3).

ideais de Abril: «Vede-o lutando à porfia / para um dia se cumprir / tudo o que Abril prometeu». Estes versos finais permitem constatar que, afinal, a história não chegou ao fim e que a Revolução não é o epílogo da narrativa, mas tão-só um momento crucial, porque decisivo e transformador, na evolução dos acontecimentos. Escondem, ainda, a desilusão, talvez mais o desencanto⁷, pelo facto de Abril ainda não se ter cumprido verdadeiramente, patente na dimensão prospectiva que encerra a narrativa. Contudo, apesar da decepção, das promessas não cumpridas e dos sonhos não realizados, há sempre a certeza consoladora de que o maior feito da Revolução foi a liberdade. Revela-se, aqui, particularmente relevante o motivo pictórico da contra-capa, apelando à resistência e à continuidade da luta.

A euforia sem reservas é reservada para o momento da revolução, pelo que ela significa em termos de mudança. A liberdade parece inseparável da ideia de paz que caracterizou o movimento revolucionário, permitindo a sua leitura poética e metafórica enquanto madrugada, símbolo de renascimento, de vida nova, de luz e de dia que se seguem a uma noite longa e dolorosa. Este sentimento de pura alegria está patente, por exemplo, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, escritos ainda sob a intensa influência dos primeiros dias: «Esta era a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo» ou no título do libreto da ópera que celebra a data, com música de António Pinho Vargas, da autoria de Manuel Gusmão, «Os dias levantados», referência também presente no texto de Mésseder. A voz dos poetas parece, pois, a que melhor capta o significado do acontecimento testemunhado por todos, condicionando a sua leitura enquanto momento inaugural, criador e/ou regenerador. As imagens captam muito bem a sintonia entre os militares e os populares (homens e mulheres), irmanados pelos ideais e pela festa da vitória conseguida, em duas ilustrações consecutivas, nas páginas 24 e 25.

Do ponto de vista da ilustração, o jogo entre claro/escuro, luz/sombra, revela-se estruturante para a construção do livro. Alex Gozblau, num estilo e numa linguagem em que é particularmente fluente, recria, com intensidade, recorrendo a uma paleta cromática escura,

⁷ A respeito da não concretização da Revolução, João Pedro Mésseder caracterizava, em entrevista recente, o Alentejo como «Cenário por excelência da Revolução. Da Revolução falhada, é certo, mas que existiu como tal e, enquanto existiu, instaurou uma outra dimensão do tempo que, para mim, ficou inscrita na paisagem. E a palavra revolução é daquelas que «vão morrendo com os anos», como se diz num dos textos. Ou melhor: que alguns vão fazendo os possíveis para que morra, de morte lenta ou, se as circunstâncias o permitirem, súbita.» in <http://www.derivadaspalavras.blogspot.com/>.

onde sobressaem todos os indícios de luminosidade, associados à resistência e/ou ao sonho de mudança, a longa noite⁸ do fascismo e as suas consequências na vida das pessoas, do país e das próprias crianças, promovendo a identificação dos leitores com o universo recriado. A opção gráfica pela sugestão do rolo fotográfico ou fílmico que delimita as páginas da publicação reveste-se de vários significados, podendo surgir associada à ideia de uma espécie de reportagem fotográfica realizada pelo livro, sublinhando a sua referencialidade e verosimilhança, ou ser lida enquanto alusão ao passado e a uma espécie de discurso memorialista que sobre ele se constrói a partir de momento em que, à distância do tempo, se observam os acontecimentos. Além disso, não o esqueçamos, os leitores infantis e juvenis de hoje lêem a história recente através das revisitações realizadas pelos meios de comunicação audiovisual que, anualmente, reproduzem a memória da revolução e a sua iconografia mais simbólica e persistente, alguma aqui recuperada nas ilustrações de Gozblau. Estas procuram recriar não só o passado, e a sua cor local respectiva, mas as imagens que persistem desse passado, sugerindo uma evocação de tipo documental, próxima da da consulta de arquivos, o que explicaria, em nosso entender, um certo granulado da imagem, uma ligeira indefinição que perpassa numa ou noutra ilustração, para além da própria iluminação, dramaticamente encenada.

Elementos essenciais para a leitura da obra agora publicada são também a capa e a contracapa do livro, sobretudo se lidas em estreita articulação. A primeira, combinando as cores simbólicas do país e da sua bandeira, o vermelho e o verde, sugere a sua adaptação ao contexto histórico em causa, metaforizando, respectivamente, a revolução e a esperança. A presença do protagonista e do cravo sublinham as mesmas ideias, valorizando a dimensão futura patente na ideia de crescimento do rapaz e da flor, do país e dos seus ideais. Aliás, o recurso à cor, em particular aos tons mais fortes e simbólicos, como é o caso do vermelho, é feito com extrema subtilidade e sobriedade, sendo usada em momentos ou em circunstâncias muito específicos, como acontece com o cachecol do protagonista, no momento em que vive atormentado com a questão da guerra colonial e são relembrados versos⁹ de Jorge de Sena que, por si só, já

⁸ Não esqueçamos que João Pedro Mésseder, no poema "Memória", se lhe refere como «tempo de outrem / vagaroso como um verme», explicitando, com recurso à comparação e à aliteração, a sua conotação fortemente disfórica (v. *Gazeta Literária* (nº especial dedicado aos 30 anos do 25 de Abril, com o título *Começar de Novo*), Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 2004, s/n).

⁹ «Não hei-de morrer sem saber / qual a cor da liberdade.»

têm associações cromáticas muito fortes. Até aí, e antes do surgimento do cravo¹⁰, a flor rubra da liberdade, o vermelho não aparece, sendo as imagens dominadas por vários tons terra, assim como pela presença de diferentes variações da cor azul que se mantêm até ao final.

A bicicleta que aparece integrada na narrativa e reproduzida na ilustração, e é recuperada para motivo (em sombra) da contracapa, assume particular relevo enquanto elemento simbólico identificativo dos resistentes comunistas durante a ditadura. Este *topos*, para além de surgir em outras obras de potencial recepção infantil, como é o caso de *O Rapaz da Bicicleta Azul* (2004), de Álvaro Magalhães, caracteriza, por exemplo, alguns dos protagonistas do romance de Manuel Tiago, *Até Amanhã Camaradas!* (1974), associado à revisitação da vida na clandestinidade.

Ao nível da ilustração, merecem leitura atenta as guardas iniciais e finais da publicação e o efeito de continuidade que a sua leitura conjunta reforça, sugerindo o crescimento gradual do cravo, flor símbolo da revolução de Abril, assim como dos ideais que ele encerra.

Destaquem-se, ainda no que diz respeito à ilustração, a opção pela representação das personagens com recurso a grandes planos ou planos muito aproximados, permitindo uma leitura da sua fisionomia e expressividade. Neste domínio específico, atente-se com especial atenção na reconstituição do olhar das personagens e na transformação que esse mesmo olhar sofre a partir do momento da Revolução, aumentando de tamanho e apresentando um brilho de particular intensidade, contágio da iluminação do dia. No que diz respeito ao protagonista, as ilustrações permitem, ainda, reproduzir a passagem do tempo.

Assumidamente empenhada, participando numa espécie de espírito de resistência, a que a Editorial Caminho¹¹ também se associa, contra o branqueamento a que a História portuguesa recente, em particular a ditadura salazarista, tem sido sujeita, a publicação de *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada* parece querer despertar as consciências e promover a reflexão, o diálogo e, até, o debate. De alguma forma, a luta contra o esquecimento faz-se também pela via emotiva, recriando, com pormenor e realismo, momentos

¹⁰ A propósito do simbolismo da flor escolhida, veja-se a reflexão de Joaquim Vieira: «uma revolução precisa de símbolos, de sinais envergados pelos seus apoiantes, que lhes permitam uma afirmação de adesão e um sentimento de comunhão dos mesmos ideais. Os símbolos não são meras simplificações gráficas, mas reflexos mais ou menos precisos dos movimentos políticos ou sociais que representam» (Vieira, 2000: 124).

¹¹ A comprová-lo, veja-se, por exemplo, a publicação, em Abril de 1999, da colecção "Caminho de Abril", um conjunto de 11 livros, de diferentes autores, destinados a comemorar os 25 anos daquele acontecimento histórico. A colecção destaca-se, ainda, pela variedade de vozes que nela confluem, perspectivando, a partir de diferentes pontos de vista, o 25 de Abril de 1974.

e vivências que os jovens leitores contemporâneos não conheceram mas que, assim reescritos, poderão imaginar, valorizando as conquistas da liberdade que lhe são, de alguma forma, transmitidas em herança, através de uns versos de um romance, sem qualquer esforço ou entrave, destinadas a perdurar na memória e, mais importante ainda, nas acções e na vivência do quotidiano.

Referências Bibliográficas

- ▶ FERRÉ, Pere (s/ data): «Romanceiro Velho e Tradicional» in <http://www.attambur.com/Recolhas/romanceiro.htm> (consultado a 2/04/07).
- ▶ GOMES, José António (2001): Os livros para crianças e jovens e o 25 de Abril. *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude]*. pp. 9-10, Porto, Campo das Letras.
- ▶ MÉSEDER, João Pedro (2007): *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, Lisboa: Caminho (ilustrações de Alex Gozblau)
- ▶ VIEIRA, Joaquim (2000): *Portugal Século XX – Crónica em imagens 1970-1980*, s/ local: Círculo de Leitores.